

A PRÁTICA ALFABETIZADORA DE UMA PROFESSORA NA REDE PÚBLICA DE GARANHUNS E SUAS APROPRIAÇÕES ACERCA DA TEORIA DA PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA

Benigna de Holanda Cavalcanti Sobrinha¹
Leila Nascimento da Silva²

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

Resumo: Este trabalho emerge dentro de um contexto de incertezas sobre os rumos da Alfabetização no Brasil. Desde a década de 80 recebemos contribuições de diferentes estudos que puderam inserir discussões pertinentes para compreendermos melhor como acontece o processo de ensino-aprendizagem nessa área. Nessa pesquisa tivemos a intenção de analisar o fazer docente de uma professora alfabetizadora de uma escola municipal de Garanhuns, visando compreender as suas apropriações acerca da teoria da Psicogênese da Língua Escrita e suas contribuições para o processo de ensino e aprendizagem, buscando identificar se a mesma consegue utilizar seu conhecimento sobre tal teoria para promover um ensino ajustado às necessidades dos alunos. A pesquisa foi realizada em uma turma do ciclo de alfabetização (3º ano). O instrumento principal de coleta foi a observação de aulas. Os resultados demonstraram que a professora tem certo conhecimento dessa teoria e de sua importância, contudo apresenta dificuldades em utilizar esses conhecimentos em prol do processo de ensino e aprendizagem. Uma das hipóteses levantadas é que a docente observada não teve oportunidades de estudar de forma aprofundada tal teoria. Também não podemos considerar que uma vez “apresentada” uma teoria ao professor este logo, de imediato, se aproprie e a incorpore em seu fazer docente. Acreditamos que as apropriações dos docentes são frutos de suas ressignificações.

Palavras-chave: Alfabetização, Prática docente, Teoria da Psicogênese.

INTRODUÇÃO

A pesquisa “As práticas alfabetizadoras na rede pública de Garanhuns: apropriações, possibilidades e desafios da tarefa de alfabetizar” emerge dentro de um contexto de incertezas sobre os rumos da Alfabetização no Brasil. Reconhecemos que a escola hoje tem ao menos dois grandes desafios: 1) garantir que até os 8 anos todas as crianças tenham se apropriado do sistema de escrita alfabética; 2) incorporar todos os alunos na cultura escrita, ajudando-os a se tornarem leitores e escritores que participem ativamente das práticas sociais.

A realidade de nossas redes de ensino, no entanto, tem evidenciado o quão grande são estes desafios. As avaliações nacionais (ex: SAEB) e internacionais (PISA) nos mostram que muitos alunos têm chegado ao final dos anos iniciais ainda sem estar com o processo de alfabetização consolidado.

Reconhecemos, porém, que desde a década de 80 a leitura e a escrita, enquanto objetos de ensino vêm sofrendo alterações significativas na tentativa de reverter essa situação e

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia, UFRPE, Garanhuns/PE, benignahc@hotmail.com

² Doutora em Educação e Professora do Curso de Licenciatura em Pedagogia, UFRPE, Garanhuns/PE, leilansufrpe@gmail.com

contribuir para que os desafios acima listados possam ser superados o quanto antes. Essas alterações aconteceram (e acontecem) por influência de diferentes aspectos, tais como: o progresso científico-acadêmico na área, mudanças nas práticas sociais; desenvolvimento tecnológico; mudanças pedagógicas (material pedagógico, livros didáticos...), etc.

Em relação ao progresso científico, recebemos contribuições de diferentes estudos que puderam inserir discussões pertinentes para compreendermos melhor como acontece o processo de ensino-aprendizagem na área da alfabetização. Podemos destacar, nessa direção, os estudos da Psicogênese da escrita (FERREIRO, 1985; FERREIRO e TEBEROSKY, 1979).

Assim, este trabalho tem como objetivo geral analisar o fazer docente de uma professora alfabetizadora de uma escola municipal de Garanhuns, visando compreender as suas apropriações acerca da teoria da Psicogênese da Língua Escrita e suas contribuições, na intenção de identificar se a mesma consegue utilizar seu conhecimento sobre tal teoria para promover um ensino ajustado às necessidades dos alunos. Com esta pesquisa buscamos, especificamente, identificar as atividades de alfabetização mobilizadas pela professora alfabetizadora em sua aula; verificar se, ao planejar essas atividades, ela demonstrava conhecer os níveis de escrita de seus alunos, bem como analisar quais os encaminhamentos didáticos adotados pela docente para ajudar todos os alunos a avançarem em suas aprendizagens sobre a língua escrita.

Os estudos sobre a Psicogênese da Língua Escrita

A partir dos estudos desenvolvidos por Ferreiro e Teberosky (1979) e Ferreiro (1985), pudemos compreender que a apropriação da escrita alfabética é fruto de um processo de construção de hipóteses decorrentes da análise da língua escrita por parte do aprendiz, um ser humano que, antes de tudo, pensa e não apenas memoriza/reproduz um código. Ou seja, a teoria nos revela o quanto a tarefa do alfabetizando é muito mais complexa e conceitual.

Nesse processo de construção, duas grandes questões conceituais se apresentam para o aprendiz. A primeira se remete a questão “o que a escrita representa/nota?”. O sujeito precisa pensar “o que se nota/registra no papel tem a ver com a sequência de sons que formam os nomes dos objetos?” se deve notar a “palavra toda” (seu significado) ou as partes sonoras que a compõem (seu significante). A segunda questão seria “como a escrita cria representações/notações?”. O aprendiz passa a indagar como é que essas coisas estranhas que chamam de letras, funcionam juntas umas das outras?”, “o que é que elas têm a ver com os

objetos (ou ações, ou sentimentos, etc.) que estão registrando no papel? “Por que essas letras e não outras é que estão aí?” (Morais, 2005)

Para desvendar esse enigma, de acordo com Leal (2005) e Morais (2012), o aprendiz vai ter que compreender as propriedades do sistema notacional com o qual está se defrontando. Isso implica compreender que:

1. Escreve-se com letras que não podem ser inventadas, que têm um repertório finito e que são diferentes de números e outros símbolos;
2. As letras têm formatos fixos e pequenas variações produzem mudanças em sua identidade (p, q, b, d), embora uma letra assuma formatos variados (P, p, p, p);
3. A ordem das letras no interior da palavra não pode ser mudada;
4. Uma letra pode se repetir no interior de uma palavra e em diferentes palavras, ao mesmo tempo em que distintas palavras compartilham as mesmas letras;
5. Nem todas as letras podem ocupar certas posições no interior das palavras e nem todas as letras podem vir juntas de quaisquer outras;
6. As letras notam ou substituem a pauta sonora das palavras que pronunciamos e nunca levam em conta as características físicas ou funcionais dos referentes que substituem;
7. As letras notam segmentos sonoros menores que as sílabas orais que pronunciamos;
8. As letras têm valores sonoros fixos, apesar de muitas terem mais de um valor sonoro e certos sons poderem ser notados com mais de uma letra;
9. Além das letras, na escrita de palavras se usam, também, algumas marcas (acentos) que podem modificar a tonicidade ou o som das letras ou sílabas onde aparecem;
10. As sílabas podem variar quanto às combinações entre consoantes e vogais (CV, CCV, CVV, CVC, V, VCC, CCVCC...), mas a estrutura predominante é a sílaba CV (consoante e vogal) e todas as sílabas do português contêm, ao menos, uma vogal.

A teoria da Psicogênese foi um marco importantíssimo para o avançar de nossa compreensão acerca do processo de ensino-aprendizagem do sistema de escrita alfabético. Ferreiro e Teberosky (1979) apontam que, tradicionalmente, o problema da alfabetização tem sido exposto como uma questão de método, e a preocupação seria a de buscar o melhor e mais eficaz método para ensinar a ler e escrever. A aprendizagem do sistema de escrita alfabética era concebida como uma questão mecânica, a aquisição de uma técnica para a realização do deciframento.

Numa mudança de paradigma, essa perspectiva teórica reviu todas as concepções sobre as quais se apoiava a didática da alfabetização, questionando radicalmente as práticas de ensino da leitura e escrita. Várias foram as implicações pedagógicas oriundas dessa teoria.

Pudemos, por exemplo, ratificar que os métodos tradicionais de alfabetização tinham uma visão errônea sobre a atividade do aprendiz, pois descobrimos que a escrita não é um código e que “não é da noite para o dia, recebendo informações prontas, transmitidas pelo adulto, que, de forma mágica ou instantânea, as crianças passam a usar as letras que não memorizaram” (GALVÃO e LEAL, 2005; MORAIS, 2012).

Na hora de sequenciar o ensino de alfabetização, passamos a ver que é completamente inadequado ensinar primeiro as vogais, depois os ditongos, depois as sílabas simples, para só depois deixar o aluno se deparar com sílabas que não são compostas por Consoante e vogal ou irregularidades ortográficas. Assim, também aprendemos que não é preciso controlar o repertório de palavras das crianças, porque isso em nada assegura o seu melhor avanço.

Além disso, a teoria nos mostrou que a imersão das crianças no mundo da cultura escrita começa fora da instituição escolar, bem antes do ano da alfabetização, e que deve ser conduzido na escola e pela escola desde a Educação Infantil; aprendemos que não há prontidão para a alfabetização. Todos têm direito a se alfabetizarem e, por isso, devemos partir do nível de cada aluno; e por fim, aprendemos a olhar os erros dos alunos por outro viés.

Embora, reconheçamos a relevância dos estudos da psicogênese, é preciso ressaltar que houve muitas compreensões errôneas que distorceram e, de certa forma, prejudicaram as contribuições dessa teoria para o fazer pedagógico do professor alfabetizador.

Uma destas incompreensões fez muitos professores pensarem que em vez de uma teoria psicológica (ou psicolinguística), a psicogênese fosse uma metodologia de ensino e em nenhum momento as autoras se propõem a isso. Era (é) comum encontrarmos, por exemplo, docentes preocupados em identificar a fase da criança como se apenas o diagnóstico bastasse. Os professores não pensavam na intervenção (ou não conseguiam pensar), em como fazer para as crianças avançarem em suas hipóteses.

Também foi se construindo uma crença de que as crianças, cada uma no seu ritmo, descobririam sozinhas como a escrita funciona e, logo, o papel do professor ficaria minimizado a apenas o observador desse processo “natural”.

Além dessas questões de incompreensão, é preciso destacar que essa vertente teórica não leva em consideração a importância do desenvolvimento da consciência fonológica para a alfabetização. Estudos, porém, mostram que as habilidades fonológicas são, sim, relevantes para a apropriação do sistema de escrita alfabético.

METODOLOGIA

A pesquisa realizada se caracteriza como uma pesquisa do tipo etnográfica. Esse tipo de pesquisa se enquadra em nosso estudo, pois, através das técnicas da mesma, podemos compreender determinada relação social e analisar aspectos da realidade cotidiana que permeiam no âmbito escolar, mais especificamente, em sala de aula.

Para coletar as informações necessárias utilizamos os seguintes instrumentos: observação, entrevistas semiestruturada e análise de documentos. Estes nos possibilitaram uma aproximação direta com o fenômeno estudado, oportunizando-nos compreender melhor o objeto em estudo. Como aporte metodológico, adotamos a análise de conteúdo, intencionando, a partir de Bardin (1977), expandir a compreensão e interpretação, elaborando inferências a partir dos dados coletados.

O nosso campo de pesquisa foi a rede municipal de Ensino de Garanhuns. Realizamos observações em uma turma do ciclo de alfabetização (1º ano). O único critério que foi adotado para a escolha da docente colaboradora foi o vínculo institucional, uma vez que desejamos acompanhar professores efetivos da rede.

Em um primeiro momento realizamos um contato da secretaria de Educação do município para que a mesma pudesse indicar possíveis docentes interessados em colaborar com a pesquisa. No próximo momento visitamos a docente, explicamos os objetivos do nosso estudo e fizemos o convite para a participação. Uma vez aceito o convite, agendamos os dias de coleta.

O primeiro instrumento foi a entrevista inicial. Por meio dela buscamos informações sobre a formação docente e experiências profissionais, bem como sobre suas compreensões acerca do Ensino de Língua Portuguesa. Depois dessa etapa, realizamos as observações de sala de aula (cinco turnos de aulas). Por fim, foi feita a análise documental das atividades aplicadas aos alunos para verificar os conhecimentos explorados pela professora em sala. Partindo da perspectiva que Lüdke e André (2012, p. 39) defendem, “os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O fazer pedagógico da professora: apropriações e táticas adotadas na tarefa de alfabetizar

No quadro a seguir há uma síntese das cinco aulas observadas da professora:

Quadro 1: A rotina pedagógica proposta pela professora



Nº de aula\ Data	Síntese das aulas
1ª Dia: 13/11/2017	<ul style="list-style-type: none">- Leitura Deleite feita por duas alunas: “Em cima daquela cerra,” de Eucanaã Ferraz;- Ditado de frases para todos;- Atividade de português sobre interpretação de texto, copiada no quadro;- Atividade diferenciada a um aluno, enquanto os demais alunos copiavam a atividade de interpretação de texto e orreção da atividade de Português;-Atividade de Matemática sobre resolução de problemas, copiada no quadro e correção da atividade de matemática;-Outra atividade de matemática continuação da anterior sobre resolução de problemas;-Atividade “para casa” de matemática com questões de divisão.
2ª Dia: 14/11/2017	<ul style="list-style-type: none">- Atividade impressa sobre interpretação de texto, para alguns alunos com dificuldades;-Para os demais alunos atividade de português sobre correspondência grafofônica.-Depois de copiar a atividade no quadro pede que os alunos que estão com a atividade de interpretação escrevam três palavras da atividade do quadro;-Explicação do conteúdo plano cartesiano;-Correção da atividade “para casa” de matemática-Entrega uma atividade de matemática xerocada a todos os alunos, sobre multiplicação e correção da atividade;-Leitura de texto “A onça e o Sapo” feita pela professora em voz alta;-Atividade de português, com ditado do texto “A onça e o Sapo” lido pela professora anteriormente;-Depois de copiarem o ditado, a professora pede que os alunos identifiquem os ditongos presentes no texto;-Correção da atividade de matemática sobre multiplicação;-Atividade “para casa” de matemática; sobre resolução de problemas.
3ª Dia: 16/11/2017	<ul style="list-style-type: none">- Ditado de frases no caderno de produção de texto;-Correção da atividade;-Entrega um calendário aos alunos para começarem a atividade de matemática;- Ficha de atividade de matemática sobre resolução de problemas a quem já terminou a atividade anterior;-Atividade de matemática copiada do quadro sobre interpretação de tabela e correção-Correção da atividade “para casa”.
4ª Dia: 21/11/2017	<ul style="list-style-type: none">- Ditado de números no caderno de português;-A professora pede que os alunos escrevam o nome dos números;-Correção da atividade de português;-Atividade de matemática sobre interpretação de tabela e correção;-Mais uma questão de matemática sobre numeração decimal-A professora chama uma aluna para perguntar as letras do alfabeto, enquanto os outros alunos copiam e respondem a questão de matemática. Em seguida, correção;-Atividade de português sobre significado das palavras;-Entrega um dicionário aos alunos para responderem a atividade, seguida de correção;



	Copia no quadro a atividade “para casa”
5ª	-Atividade no caderno de português sobre ordem alfabética; -Atividade para toda turma sobre sílaba tônica, seguida de correção
Dia: 14/12/2017	-Ensaio para apresentação de natal da turma.

Observa-se que a professora segue um roteiro de momentos fixos na maioria das aulas, que pode ser visto como algo positivo quando se trata da importância da organização do tempo no espaço pedagógico necessário ao professor e a seus alunos. Leal (2004, p.02) ratifica a importância do planejamento para a vida escolar, ao afirmar que, essa rotina possibilita ao aluno aprender a lidar com a organização do tempo já se programando para as atividades escolares, compreendendo que existe momento para tudo, tempo de brincar, lanchar estudar e outros. É importante destacar que o professor deve ter cuidado com a rotina na sala de aula, para que não se torne cansativo e se perca a atenção dos alunos nas aulas. Por isso é necessário que seja disponíveis atividades diversificadas, bem como proporcionar momentos de atividades coletivas, duplas, trios, no coletivo e outros.

No caso da professora observada, ela usa sempre o quadro como apoio pedagógico, seja para explicar um conteúdo ou para as atividades propostas em sala, raras as vezes que os alunos usam os livros didáticos mesmo que sejam atividades de conteúdos diferentes. Essa pouca variedade de recursos didáticos pode tornar a aula cansativa. Com relação à organização da turma, nas aulas observadas não houve atividades em dupla ou grupo, todas eram produzidas de forma individual, os alunos copiam e tem um tempo para responderem sozinhos e depois a professora corrige no quadro de forma coletiva, no quadro e em alguns momentos individualmente passando pelas bancas. Possibilitar interações entre os alunos pode contribuir consideravelmente na aprendizagem dos alunos, onde um aluno pode ajudar o outro em suas dificuldades.

As apropriações a cerca da teoria da Psicogênese da Língua Escrita

Como vimos, os estudos desenvolvidos por Ferreiro e Teberosky (1979) e Ferreiro (1985) nos mostraram que a apropriação da escrita alfabética é fruto de um processo de construção de hipóteses decorrentes da análise da língua escrita por parte do aprendiz, um ser humano que, antes de tudo, pensa. Essa teoria possibilitou perceber que os alunos não aprendem todos ao mesmo tempo e que podem apresentar níveis de aprendizagem diferentes.

Ao longo das aulas foi possível ver, em algumas ocasiões (aulas 1, 2 e 4), a professora demonstrou estar preocupada em adequar o seu ensino ao momento de aprendizagem de seus

alunos, pois teve a intenção de realizar atividades diferenciadas para os alunos. No entanto, ao analisar o conteúdo dessas atividades, identificamos que elas não apresentavam níveis tão diferentes de complexidade assim. Vejamos abaixo:

Atividade 1 para os alunos SEM dificuldades

Leia o texto e responda as questões:

DUDA E O FANTASMA

Duda está com sono. A mamãe põe Duda na cama. Mas ela não dorme.
Ela vê um fantasma na vidraça do quarto. O fantasma faz: “pam! Pam! Pam!”
Duda fica com muito medo e grita:
- Mamãe, socorro! Há um fantasma aqui!
A mãe de Duda volta correndo.
Ela vê o galho da árvore batendo na vidraça. Chama Duda e a faz pegar no fantasma.
Duda diz: - Ah, desse fantasma eu não tenho medo, não!

Maria Louise

- Qual é o título do texto?
- Quem é o autor do texto?
- Onde se passa a história?
- Quantos e quais são os personagens do texto?
- Porque Duda gritou?
- Qual barulho o fantasma fazia?
- Para quem Duda pediu ajuda?
- O que era o fantasma?
- Porque o medo de Duda passou?
- Quantos parágrafos há no texto?

A atividade é copiada por todos os alunos com a exceção de um, pois a este a professora entrega uma ficha de atividade também sobre interpretação de texto, pois segunda ela, este aluno sente dificuldades para compreender os textos. Eis a ficha entregue:



Atividade 2 para o aluno COM dificuldades

AULA DE NATAÇÃO



João Pedro e seu irmão Simão estão na aula de natação. O clube que eles frequentam fica perto da casa deles, em frente à fábrica de botões. Salomão é o professor. Ele nada tão bem como um tubarão. Os meninos vestem seus calções e pulam na piscina. Salomão sempre elogia:
— Parabéns, crianças! Continuem assim que em breve serão campeões de natação. Os meninos olham para ele com entusiasmo e satisfação.

Graça Batituci

1) Qual é o título do texto?

2) Quais são os nomes das crianças do texto?

3) Qual é o nome do professor de natação?

Ao observarmos a extensão dos dois textos não constatamos diferenças significativas, pois ambos possuem uma quantidade próxima de linhas (7 e 9, respectivamente). Quanto ao vocabulário, ambos possuem palavras conhecidas dos alunos, não gerando maiores dificuldades em relação ao sentido das mesmas no texto. A temática também é do universo infantil nos dois textos. Em relação aos tipos de perguntas, quando analisamos cada uma verificamos que todas (dos dois textos) tratam de questões que apenas exploram a superfície textual e solicitam a identificação de informações explícitas no texto, com exceção da questão: i) “Porque o medo de Duda passou?”, que exigirá um pouco mais do leitor, no caso, uma inferência simples.

As atividades diferenciadas precisam corresponder às necessidades do aluno, no entanto reconhecemos que não se trata de uma tarefa fácil para o professor conseguir propor situações didáticas que realmente estejam adequadas aos níveis de seus alunos. Isso requer, sobretudo, conhecimento dos alunos e das estratégias didáticas mais pertinentes para cada momento de aprendizagem.

No entanto, é preciso valorizar a intenção docente em diferenciar, de alguma forma, seu ensino. Cortesão (1999, p.03) chama atenção do professor para a necessidade de compreender a heterogeneidade como: “fonte de potencial de uma riqueza que importa rentabilizar e não como um obstáculo à realização de atividades de ensino-aprendizagem”. Em entrevista foi perguntado como ela organizava sua prática para dar conta da

heterogeneidade de sua turma e a mesma respondeu: *Olhe, eu faço atividade diferenciada, num momento eu pego muita leitura, trabalho muito ditado, sempre retomo e quando estou fazendo ditado eu volto, explico, sempre que leio uma atividade no quadro, não todas às vezes, mas sempre procuro ler enfatizando, soletrando, explicando para que os outros aprendam também sabe, às vezes fico perto de quem tem mais dificuldades para ir dizendo as letras.*

Em suas palavras, a professora revela que se dedica a todos os alunos, da melhor forma que pode. Na prática também pudemos ver um pouco dessa intenção em atender os alunos em suas necessidades, quando na aula 4 presenciamos a professora chamar uma aluna para perguntar as letras do alfabeto, enquanto os outros alunos copiam e respondiam a questão de matemática.

Conclusões

O planejar ações diferenciadas para seus alunos seria um forte indício de que tal professora conhece a teoria da Psicogênese da Língua escrita e suas possíveis contribuições para o fazer docente, pois uma das orientações pedagógicas que surgem a partir dela é a necessidade de propor um ensino ajustado, pensando nas diferentes hipóteses de escritas que os alunos estão vivenciando, naquele momento. No entanto, foram poucos os momentos identificados na prática da professora A, pois geralmente as atividades eram iguais para todos e não havia o trabalho em duplas ou grupos, de forma que um aluno de nível maior ajudasse o outro.

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa discute em seus cadernos o atendimento à heterogeneidade nível de conhecimento, enfatizando que a diversificação de atividades é importante por várias razões, dentre elas destacam duas: “(1) O aprendiz precisa refletir sobre os diversos conhecimentos que compõem o objeto de ensino; (2) em uma mesma turma, as crianças têm necessidades diferentes” (ALBUQUERQUE; CRUZ; LEAL, 2012, p. 8). Dessa maneira, é essencial que as intervenções sejam adaptadas de acordo com os níveis de aprendizagens das crianças. No caso da docente colaboradora, a mesma tentou essa diferenciação, mas como vimos as atividades não eram tão diferentes assim,

Como vemos diferenciar o ensino não parece ser algo tão habitual em nossas escolas. Em pesquisa realizada, Mainardes (2007) constatou que as atividades realizadas pelos docentes eram idênticas para todos alunos, satisfazendo apenas os alunos de nível médio. De acordo com o mesmo, “geralmente dois grupos eram prejudicados: o grupo de alunos cuja

tarefa era considerada ‘muito fácil’ e o grupo de alunos cuja tarefa e atividades propostas eram ‘muito difíceis’” (MAINARDES, 2007, p. 4).

As escolas parecem ser pensadas para um público homogêneo, logo a formação do educador ao longo da história foi pautada na concepção que o professor transmite o conhecimento e o aluno recebe, por isso que ainda hoje encontramos práticas de ensino focalizando um único tipo de atividades. Nesta perspectiva, é válido salientar o papel da formação inicial e da continuada em discutir estratégias diversificadas de ensino para atender a heterogeneidade de conhecimento dos aprendizes. Notamos que há um esforço por parte dos professores, mas também notamos dificuldades. Os docentes não podem ficar sozinhos para dar conta dessa tarefa. Eles precisam de ajuda para pensar quais os melhores caminhos para todos os alunos aprenderem.

Referências

- ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. Conceituando alfabetização e letramento. In: Santos, Carmi Ferraz, Mendonça, Márcia.(Orgs). **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1997.
- CORTESÃO, L. O arco-íris na sala de aula? Processos de organização de turmas: reflexões críticas. São Paulo: Instituto de Inovação Educacional, 1999. (Cadernos de Organização e Gestão Curricular)
- FERREIRO, E. **Reflexões sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1985.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- GALVÃO, A. e LEAL, T. F. Há lugar ainda para métodos de alfabetização? Conversa com professores (as) In: MORAIS, A. G.; ALBUQUERQUE, E.; LEAL, T. (Orgs). **Alfabetização apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- GALVÃO, A. e LEAL, T. F. Há lugar ainda para métodos de alfabetização? Conversa com professores (as) In: MORAIS, A. G.; ALBUQUERQUE, E.; LEAL, T. (Orgs). **Alfabetização apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- LEAL, Telma. **Planejar é preciso**. Texto distribuído em encontro de formação de professores na Secretaria de Educação de Olinda, 2004.
- LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MAINARDES, J. **Projeto Diferenciação: criando classes mais igualitárias por meio do trabalho diversificado**. Ponta Grossa: UEPG, 2007. Disponível em: <<http://www.uepg.br/gppepe>>. Acesso em: 06 ago. 2018.
- MORAIS, A. G. de. **Sistema de Escrita Alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.